

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

A Guerra Fria e o inimigo comunista nas telas de cinema norte-americanas dos anos 1980

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i1.41439>

Mariana G. Alves da Silveira

Instituto de Estudos Estratégicos (INEST) Universidade Federal Fluminense (UFF) mariana_guimaraes@id.uff.br

Vágner Camilo Alves

Instituto de Estudos Estratégicos (INEST) Universidade Federal Fluminense (UFF) vcamilo@id.uff.br

Palavras Chave:

Guerra Fria, anos 1980; Cinema nos EUA; O inimigo comunista.

Keywords:

Cold War in the 1980s; Movies in the US; The Communist enemy

Palabras clave:

Guerra Fría, años 1980; Cine en los EUA; El enemigo comunista.

Resumo

A última década da Guerra Fria foi turbulenta. Seu início apresentou tensão comparável àquela existente nos anos 1950 e princípio dos 1960. A partir de meados dos anos 1980, entretanto, houve distensão, o fim da Guerra Fria e a desintegração do próprio sistema internacional bipolar de poder. O cinema, como outras formas de produção cultural, foi instrumento de propaganda e mobilização durante toda a Guerra Fria. O objetivo deste artigo é analisar como a Guerra Fria se apresentou nos filmes de maior bilheteria nos EUA na década de 1980. O inimigo comunista é examinado nesses longas-metragens tendo como base a retórica reaganista do período.

Abstract

The Cold War and the Communist Enemy on the US Movie Theater Screens in the 1980s

The last decade of the Cold War was a turbulent one. Its beginning showed tension comparable to that of the 1950s and early 1960s. As of the mid-1980s, however, there was a *détente*, the end of the Cold War and the collapse of the bipolar international power system. Movies, like other forms of cultural production, were tools for propaganda and mobilization throughout the Cold War. The purpose of this paper is to analyze how the Cold War was shown in the 1980s movies with the highest box-office sales in the US. The Communist enemy is examined in these feature films according to the Reaganist rhetoric of the period.

Resumen

La Guerra Fría y el enemigo comunista en los cines norteamericanos de los años 1980

La última década de la Guerra Fría fue turbulenta. Su inicio presentó una tensión comparable a la existente en los años 1950 y principios de los años 1960. Sin embargo, a partir de mediados de los años 1980, hubo distensión, el fin de la Guerra Fría y la desintegración del propio sistema internacional bipolar de poder. El cine, como otras formas de producción cultural, fue instrumento de propaganda y movilización durante toda la Guerra Fría. El objetivo de este artículo es analizar cómo la Guerra Fría se presentó en las películas de mayor taquilla en EUA en la década de los 80'. El enemigo comunista es examinado en esos largometrajes, teniendo como base la retórica reaganista del período.

A Guerra Fria marcou a segunda metade do século XX. Sua natureza de embate ideológico, muito mais do que puramente estratégico-militar, atingiu aspectos da vida social pouco explorados ou mesmo desconsiderados em estudos tradicionais sobre o fenômeno. Estados Unidos e União Soviética incorporavam, nesse período, visões antagônicas de mundo. Mais do que conquistar pela força o inimigo, buscava-se convertê-lo. A indústria cultural dos respectivos países foi engajada nessa contenda.

O cinema é talvez a forma de entretenimento e informação mais destacada do século.¹ Filmes propagandísticos, ficcionais ou não, foram extensivamente produzidos durante a Guerra Fria, seja para mobilizar a população internamente contra o inimigo, seja como produto de exportação para angariar aliados externos. Hollywood não precisou de grandes incentivos governamentais para engajar-se na Guerra Fria. Sua defesa dos valores americanos (democracia, capitalismo, harmonia entre as classes e mobilidade social) tornava os grandes estúdios estadunidenses inerentemente anti-comunistas (SHAW & YOUNGBLOOD, 2010).

Os doze anos que vão do natal de 1979, quando tropas soviéticas invadiram o Afeganistão, a dezembro de 1991, quando a URSS cessou de existir, foram tempos movimentados na relação entre as superpotências. De um cenário de fim de *détente* e elevada tensão chegou-se à virtual extinção da Guerra Fria e, logo após, desconstrução do próprio sistema bipolar vigente, grosso modo, desde o final da 2ª Guerra Mundial.

Este artigo tem como objetivo examinar os filmes exibidos nos cinemas norte-americanos no período, analisando o quanto a

Guerra Fria esteve presente nos longas-metragens de maior bilheteria nesse mercado. Para isso, observou-se os vinte maiores sucessos comerciais de cada ano no período 1980-1991, perfazendo um total de mais de duzentos longas examinados. Destes, foram selecionados os filmes com temática contemporânea e que trataram, de algum modo, a Guerra Fria e o inimigo comunista. Um total de doze longas, oito produções norte-americanas e quatro produções britânicas, passou por tal filtro. O recorte quantitativo da pesquisa ilumina certos aspectos importantes do objeto de estudo, tais como a presença relativamente pequena do tema, comparado a outros enredos, e sua concentração cronológica na fase "quente" do conflito Leste-Oeste no período.

À análise quantitativa segue-se exame do conteúdo de cada um dos filmes selecionados vis-à-vis os temas pertinentes à Guerra Fria. A política externa norte-americana no período é dominada pelo governo Reagan (1981-1989), cuja retórica, especialmente aquela contida nos discursos de seu primeiro mandato, era extremamente maniqueísta e vilificadora da URSS e do comunismo em geral. Tais falas foram instrumento importante para mobilização da população estadunidense no período. O trabalho de Robert Ivie (1984) é a base para a análise de discurso aqui realizada. Para o autor, os discursos de Reagan, ancorados no senso comum, condensavam a imagem da URSS como país bárbaro, selvagem. Tal imagem devia ser entendida não como uma metáfora, mas literalmente. Essa visão simplificadora e mesmo fantasiosa das relações internacionais fazia do complexo, algo de fácil entendimento. Ivie desdobra essa imagem em uma série de categorias negativas, como criminoso, maquinal, primitivo e animalesco. Tais categorias, em conjunção com o exame da retórica presidencial

¹ Convém lembrar que, no que concerne ao audiovisual, as salas de exibição de filmes e cinejornais foram hegemônicas, nos Estados Unidos, até princípios da década de 1960. A partir de então passaram a sofrer competição e foram suplantadas pelas transmissões para TV (SORLIN, 1998). Os filmes, entretanto, prosseguiram importantes, ganhando, com a popularização da TV, mais um canal de exibição pós-veiculação nos cinemas.

propriamente dita, serão fontes importantes para o cotejo analítico a ser feito com roteiros e imagens dos filmes de grande bilheteria examinados. Ao fim, a análise de discurso acerca dos filmes selecionados aponta para forte correlação entre as produções hollywoodianas e a retórica reaganista. O mesmo, entretanto, não se pode dizer sobre os filmes britânicos contidos na amostra examinada.

Antes de proceder o exame quantitativo e a análise qualitativa do tema aqui estudado, é importante apresentar breve histórico desses últimos doze anos da Guerra Fria. É o que se faz logo a seguir, utilizando-se primordialmente bibliografia anglo-saxônica.

Breve História do período final da Guerra Fria

A *détente* e sua política de rivalidade administrada com a URSS terminou ainda no governo Jimmy Carter (1977-1981). O presidente norte-americano, em janeiro de 1980, visando potencializar sua chances de reeleição, alterou drasticamente seu *modus operandi* em relação à superpotência rival, após denunciar a invasão do Afeganistão como "a mais séria ameaça à paz desde a Segunda Guerra Mundial" (*Apud* GADDIS, 2005, p. 211). Ele impôs, então, imediato embargo à venda de grãos à União Soviética, retirou o tratado SALT II do Senado, onde aguardava ratificação, e anunciou que os Estados Unidos boicotariam os Jogos Olímpicos de Moscou. Propôs também significativo aumento nos gastos militares futuros. A eleição do republicano Ronald Reagan, em 1980, acirrou a mudança de rumo operada no último ano da administração Carter.

Reagan, governador da Califórnia de 1967 a 1975, era crítico acerbo da *détente* e da estratégia da Destruição Mutuamente Assegurada, *MAD*, no acrônimo em inglês. A primeira, por considerar, na prática, União Soviética e Estados Unidos como iguais, algo absurdo em sua perspectiva. A segunda, por

entender como imoral uma estratégia que formalmente oferecia milhões de concidadãos como reféns em um potencial suicídio nuclear coletivo, caso uma guerra de grandes proporções eclodisse entre Leste e Oeste. Suas promessas de campanha no sentido de acabar com ambas foram postas em prática. Com esse fim, Reagan inaugurou uma estratégia articulada, que envolvia aspectos políticos, militares, econômicos e psicológicos (BRANDS, 2014, p. 107).

No que concerne aos gastos militares, duas iniciativas provocaram tensões fortes com os soviéticos: a instalação de mísseis norte-americanos de médio alcance na Europa e o anúncio de pesquisas visando à constituição de uma defesa estratégica antimísseis, a *Strategic Defense Initiative* - *SDI*, na sigla em inglês, conhecida popularmente como Projeto "Guerra nas Estrelas".

Os mísseis de médio alcance, tanto balísticos como de cruzeiro, eram resposta à instalação, pelos soviéticos, de mísseis SS-20 capazes de atingir toda a Europa. A despeito de críticas, nos Estados Unidos e na Europa, sobre o perigo dessa nova corrida armamentista Leste-Oeste, os primeiros Euromísseis, como então eram chamados, foram instalados em 1983. Mais tensão ainda provocou o anúncio do *SDI*, feito por Reagan em discurso televisionado, em março daquele ano (GADDIS, 2005, p. 225-226). Caso bem sucedido, algo que nunca chegou perto de ser, o escudo antimísseis daria vantagem estratégica notável aos Estados Unidos, que teria condições de "vencer" uma guerra nuclear contra os soviéticos. O *SDI* terminaria, na prática, com o equilíbrio do terror entre as superpotências, formalizado nos acordos SALT I, em 1972. Em termos mais imediatos, a iniciativa pressionava a combalida economia soviética, já por demais comprometida com gastos militares, a aumentá-los, de modo a não ficar para trás em relação aos Estados Unidos. Era, nas palavras de Robert Gates, da CIA, "um pesadelo soviético

ganhando vida” (*Apud* COLLINS, 2007, p. 203).

Uma das maiores razões do reavivamento da Guerra Fria, e isso diz respeito diretamente ao ponto analisado neste artigo, foi, entretanto, a retórica utilizada. Conforme frisa o historiador Lewis Gaddis, a oratória pública de Reagan era sua maior arma. Ainda em 1981, na universidade de Notre Dame, Indiana, o presidente norte-americano disse que "O Ocidente não [iria] conter o comunismo, [mas] despachá-lo como um capítulo bizarro da história humana cujas últimas páginas estão sendo escritas agora". No ano seguinte, na Inglaterra, ao lado da conservadora Margaret Thatcher, Reagan repetiu a ideia, vaticinando que "a marcha da liberdade e da democracia levará o Marxismo-Leninismo para a lata de lixo da história". A famosa denominação da URSS como "Império do Mal" ocorreu em março de 1983, em discurso na Associação Nacional de Evangélicos. Na ocasião, em termos teológicos grosseiros, o presidente definiu o comunismo como o foco do mal no mundo moderno. (REAGAN, 1982; REAGAN, 1983; GADDIS, 2005).

1983 foi, como resultado de tudo isso, um ano especialmente perigoso. Suspeitava-se, no círculo decisório soviético, que os Estados Unidos se preparavam para efetuar um ataque preventivo ao país. A imprensa soviética descrevia Reagan como uma versão moderna de Hitler, capaz de iniciar uma guerra nuclear (REYNOLDS, 2013, p. 354). Em setembro um jato comercial da Coreia Sul desviou-se da rota e foi abatido pela aviação russa, no espaço aéreo soviético, causando a morte das 269 pessoas a bordo, 61 das quais norte-americanas, inclusive um congressista (COLLINS, 2007, p. 220). A troca de acusações entre os países não escondia, entretanto, o erro do ineficiente aparato de defesa soviético. Mais grave, a despeito de inteiramente desconhecida da opinião pública de então, foram os exercícios militares realizados pela OTAN em novembro, sob o codinome *Able Archer*. Em virtude da conjuntura, o então líder

soviético, Yuri Andropov, suspeitando que tal exercício podia ser o prenúncio de um ataque real, pôs as forças estratégicas soviéticas em alerta. Uma guerra nuclear podia ocorrer por equívoco de percepção (DICICCO, 2011). Em rara coincidência, captando o espírito da época, a rede de TV norte-americana ABC exibiu, em um domingo à noite de novembro, o telefilme "O Dia Seguinte" (*The Day After*). A história narrava as consequências, para cidadãos de uma pequena cidade do Kansas, próxima a um silo de mísseis balísticos, de um ataque nuclear soviético aos Estados Unidos. O filme foi assistido por aproximadamente 100 milhões de espectadores, inclusive o presidente norte-americano que, em seu diário, anotou ter ficado bastante deprimido com a experiência (COLLINS, 2007, p. 199).

Em janeiro de 1984, o *Bulletin of the Atomic Scientists*, que desde 1947 ajusta seu Relógio do Juízo Final, subjetivamente indicando maior ou menor possibilidade de uma guerra nuclear, adiantou seus ponteiros para três minutos para meia noite. Não se via nível de tensão parecido entre Estados Unidos e União Soviética desde as crises de Berlim e Cuba, no início dos anos 1960 (COLLINS, 2007, p. 219).

A retórica de Reagan, então, abrandou. Em discurso no mesmo mês em que o *Bulletin* indicava a ameaça de uma hecatombe nuclear, o presidente dos Estados Unidos foi conciliador, afirmando que "o fato de nenhum de nós gostarmos do outro sistema não é motivo para que nos recusemos a conversar" afirmando que "1984 é um ano de oportunidades para a paz". (REAGAN, 1984; REYNOLDS, 2013). Nesse mesmo momento morria Andropov e o sucedia Konstantin Chernenko que, decrépito e doente, durou pouco mais de um ano à frente da secretaria geral do Partido Comunista da URSS. Reagan, por seu turno, foi reeleito em novembro. Sua expressiva vitória indicava que a população norte-americana apoiava, em linhas gerais, a conduta de seu governo em termos internacionais.

Em março de 1985 chegou ao poder

soviético Mikhail Gorbachev. Tinha trinta anos menos do que Chernenko, quando este assumiu o cargo. Era jovem e estava disposto a reformar a União Soviética, o que incluía as relações com os Estados Unidos. Para o historiador Eric Hobsbawm, se alguém, sozinho, pôs fim a quarenta anos de Guerra Fria, esse alguém foi ele (HOBSBAWM, 1995, p. 464). Seu objetivo principal era modernizar e reformar seu país - Perestroika, em russo. Para isso, era preciso um novo período de distensão com o bloco capitalista. Acima de tudo, era necessário estancar a sangria na economia soviética representada pelos gastos militares e por uma possível corrida armamentista renovada. A situação da URSS não era nada alvissareira. De acordo com Perry Anderson,

nos anos 1980 (...) o PIB e a renda per capita da URSS eram a metade de seus equivalentes norte-americanos e a produtividade do trabalho, talvez, 40% da dos EUA. Central a essa diferença era uma ainda maior, em sentido inverso. Na economia norte-americana, muito mais rica, os gastos militares representavam uma média de 6 a 7% do PIB, dos anos 1960 em diante; na economia soviética, o valor era mais do que o dobro disso: de 15 a 16%. (ANDERSON, 2015, p. 99).

Gorbachev procurou logo retomar o diálogo com os Estados Unidos, e teve em Reagan, nesse momento, alguém disposto a isso. Em setembro de 1985, a revista *Time* publicou uma entrevista com o secretário-geral, em que ele indicava a necessidade do abrandamento de tensões entre os Estados Unidos e a União Soviética (KISSINGER, 1994, p. 790). Em novembro ocorreu a primeira reunião de cúpula entre líderes da URSS e dos Estados Unidos desde o encontro de Carter e Brejnev, em junho de 1979. Nada de substantivo redundou dessa reunião, mas tanto Gorbachev como Reagan concluíram, reservadamente, poder trabalhar um com o outro. (REYNOLDS, 2013, p. 386).

Em outubro de 1986, Reagan e Gorbachev reuniram-se de novo, em Reykjavik, Islândia, onde um acordo inédito sobre supressão de armas estratégicas quase veio a lume. A falta de um denominador comum acerca das pesquisas e testes vinculados ao *SDI* norte-americano, entretanto, impediram a conclusão do histórico acordo. A despeito desse malogro, Gorbachev, em entrevista coletiva, considerou o encontro “não um fracasso [mas] um ponto de virada que nos permitiu pela primeira vez enxergar um horizonte” (Apud REYNOLDS, 2013, p. 395).

Nos Estados Unidos, o governo Reagan purgava-se de seus quadros mais antissoviéticos. Caspar Weinberger, secretário de defesa, deixou o cargo em 1987. No fim desse ano, houve um encontro de cúpula entre o líder russo e o presidente norte-americano em Washington-DC. Nele as superpotências concordaram em eliminar todos os seus mísseis de médio alcance instalados na Europa, armas que haviam incrementado as tensões Leste-Oeste há menos de cinco anos (GADDIS, 2005). Pela primeira vez, também, havia redução dos respectivos arsenais estratégicos.

Discursos, vez por outra, podiam ainda soar um pouco ao velho estilo, como quando Reagan, em junho de 1987, no portão de Brandeburgo, Berlim Ocidental, provocativamente disse que se Gorbachev buscava paz e prosperidade para a URSS, que derrubasse aquele muro (REAGAN, 1987; GADDIS, 2005). A *détente*, entretanto, voltou para ficar. Em maio de 1988, foi a vez de Reagan ir à capital russa. Lá, teve a oportunidade de palestrar para estudantes da Universidade de Moscou acerca das virtudes do capitalismo (GADDIS, 2005; REYNOLDS, 2013). Perguntado então se via a URSS como o Império do Mal, Reagan respondeu que “era outro tempo, outra era” (Apud COLLINS, 2007, p. 225). Em pronunciamento na Assembleia Geral da ONU, em dezembro de 1988, Gorbachev prometeu, unilateralmente, retirar meio milhão

de seus soldados do Pacto de Varsóvia. (GADDIS, 2005, p. 236). Em fevereiro do mesmo ano ele já decidira retirar as tropas soviéticas do Afeganistão, algo que almejava fazer desde quando assumira o comando soviético. A evacuação teve início em maio e menos de um ano depois os últimos soldados deixaram o país (CARRÈRE D'ENCAUSSE, 2016, p. 84-86). A Guerra Fria havia, de fato, terminado.

Em 1989, os Estados Unidos passaram a ser governados por George Bush Sr, vice de Reagan. O último conseguira fazer seu sucessor. Este é o ano em que ocorre a queda do muro de Berlim e termina o comunismo na Europa Oriental. No final de 1991, ainda durante o mandato de Bush Sr., a própria URSS é extinta. O presidente norte-americano considerava o secretário-geral soviético mais um parceiro do que um adversário (BRZEZINSKI, 2008, p. 61). Intervenções militares norte-americanas na América Central e no Oriente Médio, em 1989-91, já apontavam para os novos inimigos do pós-Guerra Fria. O relógio do Juízo Final marcava, em 1991, dezessete minutos para a meia noite, a posição mais favorável em toda a sua história até então (COLLINS, 2007, p. 234).

A Guerra Fria nas Salas de Cinema Norte-Americanas

Nos anima saber, em um primeiro momento, se essa montanha-russa tensão/distensão esteve, de alguma forma, presente nos filmes exibidos nos cinemas norte-americanos. Não nos importa julgar a qualidade, técnica ou estética, de tais películas, mas saber sobre seu impacto social. O quanto tal filmografia expressava ou enfatizava a visão da sociedade norte-americana sobre a Guerra Fria e o inimigo soviético.

Para isso, foram observados, no período analisado (1980-1991), os vinte filmes, em cada ano, que obtiveram as maiores bilheteiras nas salas de cinema estadunidenses. O site *Box Office Mojo*, especializado na indústria e no mercado cinematográfico norte-americanos, foi a fonte utilizada para se fazer tal levantamento. Cada um desses filmes teve a sinopse examinada, consultando-se o site *Internet Movie Database - IMDb*.

De um universo de 240 longas-metragens, a primeira observação a ser feita é a de que nenhum filme da amostra é estrangeiro, entendido aqui como filme falado em idioma que não o inglês. As produções mais assistidas pelos norte-americanos, portanto, foram majoritariamente nacionais, existindo, também, alguns filmes de produção britânica. No mundo capitalista, os Estados Unidos eram o único país a desfrutar de situação assim.

Desse universo de filmes mais assistidos, foram selecionados aqueles que, de alguma forma, tratavam a temática da Guerra Fria e apresentavam a URSS ou cidadãos dessa nacionalidade/aliados em seus enredos. Em virtude do foco temático e cronológico, foram eliminados da seleção comédias e filmes históricos, como, por exemplo, "Recrutados da Pesada" ("*Stripes*") e "Reds", ambos de 1981. Filmes representando passado recente contido nessa fase final da Guerra Fria, entretanto, foram mantidos, aceitos como contemporâneos. Foi o caso de "O Destemido Senhor da Guerra" ("*Heartbreak Ridge*"), de 1986, mas ambientado em 1983, quando da invasão norte-americana à ilha de Granada; e "Caçada ao Outubro Vermelho", ("*The Hunt for Red October*"), de 1990, mas ambientado em 1984. Doze filmes cumpriram os critérios de seleção. Quase todos se encaixam nos gêneros ação, espionagem ou guerra.²

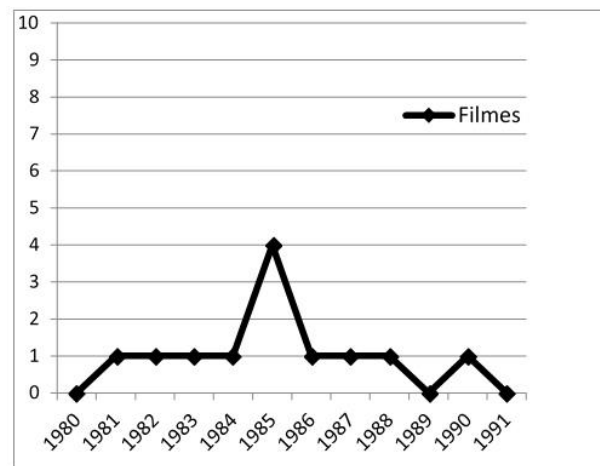
2 A filmografia norte-americana, sucesso de público, julgada representativa da Guerra Fria nessa fase é composta pelos seguintes títulos: "Amanhecer Violento" ("*Red Dawn*"), de 1984; "Caçada ao Outubro Vermelho" ("*The Hunt for Red October*"), de 1990; "O Destemido Senhor da Guerra" ("*Heartbreak Ridge*"), de 1986; "Rambo II - a Missão" ("*Rambo: First Blood Part II*") e "Rambo III", respectivamente de 1985 e 1988; "Rocky IV", de 1985; "Raposa de Fogo" ("*Firefox*"), de

Constata-se, portanto, que o tema não dominou as bilheterias norte-americanas durante o período como um todo. Se reduzirmos mais o universo pesquisado, considerando somente as dez maiores bilheterias de cada ano, a amostra cai para cinco filmes.³ Os longas mais rentáveis do período foram comédias e filmes de fantasia e ficção científica, como "De Volta para o Futuro" ("*Back to the Future*"), de 1985; "Três Solteirões e um Bebê" ("*Three Men and a Baby*"), de 1987; E.T. - o Extraterrestre ("*E.T.*"), de 1982; ou os derradeiros episódios da franquia "Guerra nas Estrelas": "O Império Contra-Ataca" ("*The Empire Strikes Back*"), de 1980, e "O Retorno de Jedi" ("*The Return of The Jedi*"), de 1983.

Não se trata de algo surpreendente. O cinema então, como hoje, era diversão para toda a família. Os filmes com censura livre tinham maior capacidade de arregimentar público e, em consequência, bilheteria. Parte da filmografia tratando, mesmo que fantasiosamente, a Guerra Fria e o conflito com os soviéticos, tinha restrição de audiência. Convém destacar, também, a função escapista, de entretenimento, do cinema direcionado às massas. Ela, nos momentos mais tensos da Guerra Fria, podia entrar em choque com desejos de se publicizar o conflito Leste-Oeste. Os espectadores e a indústria cinematográfica norte-americana do período parecem ter pendido, de um modo geral, mais para a diversão menos comprometida com a realidade internacional do que para a mobilização política.

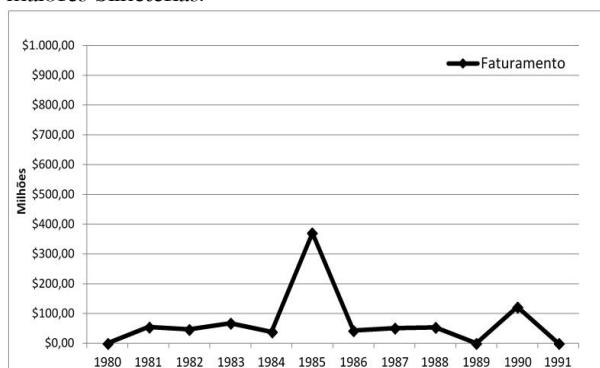
No entanto, analisando-se a amostra de filmes ano a ano, tanto em número como em termos de faturamento (ver gráficos 1 e 2, respectivamente), pode-se destacar dois achados importantes.

Gráfico 1: Número de filmes por ano nos quais a Guerra Fria é tratada, entre as 20 maiores bilheterias.



Fonte: <http://www.boxofficemojo.com/yearly/>

Gráfico 2: Faturamento por ano em milhões de dólares dos filmes nos quais a Guerra Fria é tratada, entre as 20 maiores bilheterias.



Fonte: <http://www.boxofficemojo.com/yearly/>

Fonte: <http://www.boxofficemojo.com/yearly/>

O primeiro diz respeito a conspícua presença de filmes de grande bilheteria tratando o tema Guerra Fria e o inimigo soviético no ano de 1985. Quatro dos vinte filmes mais bem sucedidos lidaram com a questão neste ano. Em termos de faturamento, eles arrecadaram mais de US\$ 370 milhões, o correspondente a cerca de 25% do faturamento alcançado pelas vinte maiores bilheterias do ano.

1982; e "O Sol da Meia-Noite" ("*White Nights*"), de 1985. Somam-se a esses as seguintes produções britânicas, todas estreladas pelo famoso espião inglês James Bond: "007 - Mercado para a Morte" ("*The Living Daylights*"), de 1987; "007 - Na Mira dos Assassinos" ("*A View to a Kill*"), de 1985; 007 contra Octopussy ("*Octopussy*"), de 1983; e "007 - Somente para Seus Olhos" ("*For Your Eyes Only*"), de 1981.

3 "Caçada ao Outubro Vermelho", "Rambo II", "Rocky IV", "007 contra Octopussy" e "007 - Somente para Seus Olhos".

Deve-se destacar, entre as produções, "Rambo II" e "Rocky IV", ambas estreladas por Sylvester Stallone, e "O Sol da Meia-Noite". Os dois primeiros filmes foram, respectivamente, a segunda e a terceira bilheteria do ano nos Estados Unidos. Estrelavam personagens de franquias cinematográficas vinculadas ao escritor/diretor/ator. Rambo é o soldado que lutou a Guerra do Vietnã, membro de tropas especiais, que sofre com a forma com que seus compatriotas e o governo norte-americano tratavam a ele e aos demais ex-combatentes. Rocky, estrela de três filmes antecedentes, é o boxeador ingênuo e de bom coração, originalmente pobre, que aproveitou a oportunidade dada pelo campeão de pesos pesados ao colocar o cinturão para disputa e, surpreendentemente, ganhou o título. São heróis americanos, *self made men* em suas respectivas áreas de atuação. Ambos estrelaram, em 1985, histórias com enredos tomados de retórica reaganista dos primeiros anos de seu mandato. Quanto ao "Sol da Meia-Noite", a estrela do filme era o bailarino Mikhail Baryshnikov, soviético que desertou para o ocidente em 1974 e posteriormente adquiriu nacionalidade norte-americana. No filme, seu personagem, um alter-ego do ator/bailarino, é passageiro de um avião que faz pouso de emergência na URSS e não pode deixar o país. "Rambo II" estreou nos cinemas estadunidenses em maio. "Rocky IV" e "O Sol da Meia-Noite", em novembro, mesmo mês do primeiro encontro de cúpula entre Reagan e Gorbachev, divisor de águas da Guerra Fria no período.

A segunda observação diz respeito aos últimos quatro anos da amostra. Nesse período, que começa com o virtual fim da Guerra Fria, no último ano de Reagan na presidência, e termina com a extinção da URSS, somente dois filmes

trataram o tema em questão. O terceiro episódio da série Rambo, com bilheteria equivalente a aproximadamente um terço do que o segundo filme faturou, é realmente extemporâneo. Já "Caçada ao Outubro Vermelho", ambientado em 1984, auge do conflito EUA-URSS nos anos 1980, parecia mais celebração de vitória do que propaganda mobilizadora contra os russos. Conforme aponta Silva, o filme faz também um comentário sobre a própria ruína do império soviético, que era observável quando ele chegou aos cinemas, em março de 1990 (SILVA, 2004, p. 20). O conteúdo alegórico contido na história de um moderno, poderoso e ultratecnológico instrumento de guerra russo que escapa ao controle de Moscou não pode deixar de ser percebido.

Há clara relação, portanto, entre a bilheteria das salas de cinema norte-americanas e o período final da Guerra Fria aqui analisado. Três quartos dos doze filmes selecionados foram exibidos no período 1980-86, aquele classificado por Shaw como dominado pela ideologia da Nova Direita norte-americana (SHAW & YOUNGBLOOD, 2010, p. 18-19). Se levarmos em consideração o tempo de produção das películas, chegaremos à conclusão de que o roteiro desses filmes foi provavelmente produzido antes do encontro Reagan-Gorbachev em Genebra, marco inicial da distensão entre as superpotências.⁴

A Presença da Retórica *Cold Warrior* nos Filmes

Todos os filmes selecionados produzidos em Hollywood, com uma única exceção, têm a URSS ou seus representantes como os vilões das histórias.⁵ Enredo e imagens encaixam-se muito bem na retórica de Reagan

4 Tomemos Rambo II como exemplo. O roteiro foi motivado por carta de uma mulher de combatente desaparecido no Vietnã escrita em julho de 1983. Ele foi elaborado e depositado em Hollywood em agosto de 1984. O filme estreou em maio do ano seguinte (SHAW & YOUNGBLOOD, 2010, p. 205 e 259).

5 A exceção é "O Destemido Senhor da Guerra", filme de guerra que em seus últimos 30 minutos mostra e saúda a intervenção norte-americana em Granada, em outubro de 1983. O inimigo comunista são as tropas regulares cubanas.

sobre o inimigo soviético. Uma retórica que, como aponta Robert Ivie, visava reificar imagem maniqueísta e simplista deste inimigo, imputando-lhe a condição de bárbaro, selvagem (IVIE, 1984). É preciso lembrar que, como ex-ator e fã de filmes hollywoodianos, Reagan fazia isso com naturalidade. Ele era um bom contador de histórias e, nelas, ele e seu país eram sempre os heróis (JEFFORDS, 1993, p. 6). Que os filmes tratando esse tema reproduzam tal imagem parece algo esperável. Era uma espécie de círculo completo de influência, em que a linguagem maniqueísta hollywoodiana alimentou a visão acerca do inimigo comunista propagada nos discursos de Reagan e estes, por sua popularidade, levaram Hollywood a apresentar tal inimigo, por imagens e falas, de acordo com o que o público esperava.

Das categorias derivadas da condição de selvagem, bárbaro, apresentadas por Ivie, duas merecem destaque na análise do inimigo soviético apresentada nos filmes norte-americanos: o criminoso e o indivíduo maquinal, sem emoções. Em parte considerável da filmografia examinada, o agente soviético, seja militar, seja policial, age como alguém desprovido de valores civilizatórios. A tortura e os maus tratos a prisioneiros, por exemplo, é prática comum na condução de interrogatórios pelas forças armadas e de segurança da URSS em alguns filmes. Em Rambo II e III, as cenas de tortura e sadismo, perpetradas por militares soviéticos, não deixam dúvidas sobre suas condições de criminosos. Em "Raposa de Fogo", há uma cena na qual militares soviéticos torturam um compatriota suspeito de traição. A violência perpetrada pelo torturador acaba levando a vítima à morte, o que faz o superior admoestar fortemente o algoz, não pela morte, mas pela vítima ter morrido sem fornecer as informações buscadas. A constituição de campos de reeducação para dissidentes e até mesmo o fuzilamento de civis fazem parte do agir criminoso dos prepostos soviéticos, algo presente no fantasioso "Amanhecer Violento".

Nesse longa, tal mensagem é potencializada pelo fato de as vítimas serem cidadãos estadunidenses, brutalizados após a invasão dos Estados Unidos por uma coalizão militar comunista.

Uma imagem do inimigo soviético menos dotado de vontade e, por isso, assemelhado mais a uma máquina do que a um criminoso, é também perceptível na amostra. Tais autômatos são, normalmente, indivíduos dotados de menor poder e, por isso, obedientes aos superiores hierárquicos criminosos. O próprio torturador citado anteriormente no filme "Raposa de Fogo" parece ser melhor categorizado assim, ao brutalizar sua vítima maquinalmente, sem qualquer mostra de regozijo. Nesse mesmo filme, o frio piloto russo que persegue a aeronave pilotada pelo herói americano também ilustra esse tipo. O lutador de boxe Ivan Drago, interpretado por Dolph Lundgren, adversário de Rocky em "Rocky IV", é o melhor de todos os exemplos. Drago é uma máquina esportiva soviética que quase não fala no filme e cuja expressão facial é desprovida de emoções. A equipe que acompanha o lutador e lhe ministra drogas ilícitas para aumentar seu desempenho é arrogante e desumana. Eles são os criminosos, avatares do Estado soviético. Drago é o instrumento desse Estado. Após derrotar violentamente um lutador americano amigo de Rocky, em sua primeira luta no filme, Drago não demonstra qualquer preocupação com o estado de saúde de seu adversário. A morte dele, ao fim, não causa no lutador russo nem tristeza, nem regozijo, mas tão somente fria indiferença.

A cruzada retórica de Reagan pela civilização e pela liberdade contra o Estado soviético encarava a própria URSS como objeto último de libertação. Dos filmes examinados, três têm cenas supostamente ambientadas no

país.⁶ Em todos os três, "Raposa de Fogo", "Rocky IV" e "O Sol da Meia-Noite", temos a presença de um Estado opressor, policialesco, em que estrangeiros e, mais grave, nacionais, são vigiados ao estilo do romance "1984", de George Orwell. O último longa, conforme já informado, conta com a atuação do bailarino dissidente Baryshnikov como uma espécie de versão ficcional de si mesmo. O filme, apesar do tom mais sofisticado comparado às aventuras de ação e guerra que lhe fazem companhia aqui, apresenta também visível carga propagandística, só que direcionada a público de maior nível intelectual. No longa, o dançarino Nikolai Rodchenko, interpretado por Baryshnikov, interage com dois personagens soviéticos "bons": o bailarino afro-americano que desertou para a URSS, interpretado por Gregory Hines, e a antiga parceira e namorada de Nikolai no Balé Kirov, vivida por Helen Mirren. Ambos, a princípio, acusam o dissidente de egoísmo e de ter fugido em busca, somente, de recompensa monetária. A fala do personagem de Hines é tocante, ao apresentar a dura condição do negro na sociedade estadunidense. A despeito disso, ao longo do filme, ambos optam por ajudar Nikolai a fugir da URSS, reconhecendo que vivem em estado de opressão no país. O personagem de Hines termina por querer fugir também junto com sua mulher grávida. Nas suas palavras, não é mais possível "viver assim, como ratos na gaiola". Ele deseja ver o filho crescendo em um ambiente livre. Ao fim do filme, resta claro qual é o sistema político-econômico superior. Os cidadãos russos comuns são também vítimas do

autoritário Estado soviético.

Característica das mais salientes na retomada da Guerra Fria foi a elevação dos gastos militares e a presença de uma retórica militarista. Esse aspecto está presente na filmografia selecionada, especialmente nas produções norte-americanas. Dos oito filmes dessa procedência, seis são longas de guerra ou fantasias militaristas.⁷

Nota-se a preocupação em apagar das forças armadas estadunidenses a mácula que foi a Guerra do Vietnã, separando o desempenho dos militares da conduta político-estratégica do conflito. Quatro dos seis filmes têm como protagonistas heróis veteranos da guerra do Vietnã: o aviador Mitchel Gant de "Raposa de Fogo", o sargento fuzileiro naval 'Gunny' Highway de "O Destemido Senhor da Guerra", ambos interpretados por Clint Eastwood; e o supersoldado John Rambo, estrela de Rambo II e III.⁸

Reagan ecoava a justificativa dada pelos militares norte-americanos para o insucesso no conflito ocorrido no sudeste asiático, imputando a derrota aos decisores políticos estadunidenses. Era uma espécie de reedição do mito da "facada nas costas", argumento semelhante ao utilizado pelos militares alemães para justificar a derrota na guerra de 1914-18. Os civis teriam feito com que os militares lutassem no Vietnã com "um dos braços amarrado às costas" (COHEN, 2004, p. 205). Conforme dito pelo presidente aos veteranos dessa guerra, em 1981, "eles não foram derrotados. Foi-lhes negada a permissão

6 Claro que nenhuma cena foi realmente gravada na URSS. O primeiro filme estadunidense com tomadas no país foi "Inferno Vermelho" ("*Red Heat*"), de 1988 (SHAW & YOUNGBLOOD, 2010, p. 35), espécie de subproduto do fim da Guerra Fria. A história é pura distensão e mostra a cooperação de dois policiais, um soviético e outro norte-americano, na luta contra o tráfico de drogas. Destaque-se o fato de que o policial russo é interpretado pelo astro Arnold Schwarzenegger, austríaco naturalizado norte-americano. "Inferno Vermelho" foi a 31ª maior bilheteria de 1988 e, por isso, não fez parte dos longas aqui analisados.

7 "Amanhecer Violento", "Caçada ao Outubro Vermelho"; "O Destemido Senhor da Guerra", "Rambo II - a Missão", "Rambo III" e "Raposa de Fogo".

8 Ressalte-se que nos anos 1980 foram lançados filmes importantes sobre a Guerra do Vietnã críticos à guerra e às instituições militares estadunidenses como um todo, como "Platoon", de 1986 e "Nascido para Matar" ("*Full Metal Jacket*"), de 1987. Ambos foram sucesso não só de público, como de crítica, algo que não ocorreu com a filmografia aqui elencada. "Platoon", além de ser o terceiro maior faturamento de 1986, ganhou os prêmios de melhor filme e melhor direção no Oscar 1987.

para vencer” (Apud SIROTA, 2011, p. 117). Os heróis militares interpretados por Eastwood e, especialmente, Stallone, são exemplos disso. Eles são fortes, eficientes em seu mister, íntegros e, mais do que tudo, vitoriosos, mesmo estando em desvantagem em relação ao inimigo.

Rambo simboliza, mais do que qualquer outro personagem, essa situação. Originalmente protagonista de um romance sobre o ordálio vivido pelos veteranos de guerra quando retornavam para casa, algo parcialmente mostrado no primeiro filme da série (SIROTA, 2011, p. 138), Rambo passou, nos roteiros subsequentes, co-escritos por Stallone, a ser o fantasioso herói de ação que sozinho derrotava os inimigos comunistas do país. Em Rambo II, o personagem é chamado a investigar e, ao fim, por sua própria conta e risco, resgatar prisioneiros de guerra ainda sob custódia vietnamita. Perguntado sobre se aceita, ele contesta: "Dessa vez nós vencemos?". A resposta dada ao longo do filme é, claro, afirmativa, a despeito de o herói enfrentar, sozinho, um inimigo muito mais poderoso. Com técnicas de guerrilha e utilizando apetrechos arcaicos, como faca e arco e flecha, Rambo destrói o poder militar dos comunistas, especialmente corporificado nos potentes helicópteros artilhados soviéticos. Não há como não deixar de perceber a alegoria presente nesses filmes. Rambo é o soldado norte-americano fracamente armado que enfrenta e derrota seu Golias, a poderosa máquina de guerra soviética. Isso tudo a despeito do pouco apreço que seus compatriotas lhe dão. Rambo traduz, em termos cinematográficos, de forma crua e tosca, a retórica do governo norte-americano da época não só sobre o inimigo comunista, mas também sobre como se apresentava o aparato de defesa estadunidense.

Quase o mesmo podemos dizer de "Amanhecer Violento", exibido um ano antes. Em um roteiro ainda mais fantasioso, o filme mostra, do ponto de vista de um grupo de adolescentes de uma cidadezinha do Colorado, a

invasão do país por tropas comunistas. Os jovens, amantes de armas e do survivalism, fogem para as montanhas e lá passam a resistir à invasão. O roteiro contou com assessoria do ex-secretário de estado de Reagan, o general Alexander Haig (SIROTA, 2011). No meio do longa, um piloto norte-americano abatido explica como se deu a invasão. Tropas infiltradas como imigrantes ilegais, vindas do México, sabotaram as defesas estadunidenses e "abriram a porta" para o exército invasor, composto por cubanos e nicaraguenses. Os soviéticos, simultaneamente, empreenderam maciça invasão, atravessando o estreito de Bering, tomando o Alasca e o Canadá. As linhas de contato entre as forças comunistas e estadunidenses, então, se consolidaram. Era a 3ª Guerra Mundial sendo lutada em solo americano.

Os garotos tornam-se guerrilheiros e combatem de forma assimétrica o inimigo comunista. Nada mais tecnológico do que fuzis, lança-rojões e bombas improvisadas são utilizadas por eles nessa guerra. Do outro lado estão tropas especiais, tanques e os indefectíveis Hinds, como eram denominados pela OTAN os helicópteros artilhados russos. Estes últimos podem ser considerados avatares cinematográficos do poderio militar soviético, presentes nesse filme e em Rambo II e III, combatendo de forma desigual os heróis norte-americanos no Vietnã, no Afeganistão e até no próprio Estados Unidos.

Mais realistas, mas igualmente panfletários da visão de desvantagem militar norte-americana vis-à-vis o inimigo soviético são "Raposa de Fogo" e "Caçada ao Outubro Vermelho". Nos dois filmes os russos desenvolveram engenhos bélicos com tecnologia incomparável à possuída por norte-americanos e aliados. Tal situação deixava as forças militares da OTAN em grave desigualdade em relação ao seu inimigo. Era exatamente o inverso do que o que ocorria na realidade, como exemplificado pelo temor soviético do desenvolvimento do

SDI norte-americano.

Em "Raposa de Fogo", a inovação era um jato MIG ultraveloz, dotado de sistema de armas controlado pelo pensamento e invisível aos radares. Em "Caçada ao Outubro Vermelho" a arma era um submarino nuclear classe *Typhon* com sistema de propulsão não detectável pelos sonares norte-americanos. Nos dois casos os norte-americanos precisavam capturar tais armas, sob pena de ficarem para trás na corrida armamentista. A diferença em como eles conseguirão isso nos respectivos filmes, entretanto, diz muito sobre o período em que eles foram concebidos. Em "Raposa de Fogo", de 1982, a solução é infiltrar um piloto norte-americano na URSS que, auxiliado por minorias perseguidas pelo estado soviético, o ajudarão a roubar o avião. Já em "Caçada ao Outubro Vermelho" que, como já escrito, apesar de ambientado em 1984 é produção de 1990, o papel dos norte-americanos é ajudar o próprio comandante soviético da poderosa belonave a desertar para os Estados Unidos. Enquanto a luta em "Raposa de Fogo" era contra todo o aparato político-militar soviético, em "Caçada ao Outubro Vermelho" temos estadunidenses unindo-se a "bons" soviéticos, dispostos a desertar e entregar sua embarcação aos norte-americanos. Os dois lutam contra os "maus", que tentam destruir o submarino. A analogia com a URSS de Gorbachev é cristalina.

Esse bárbaro inimigo soviético, poderoso militarmente, governado por uma *nomenklatura* comunista criminoso, que se vale em grande medida de agentes que promovem o mal de modo maquinal, é relativizado nos quatro filmes ainda não examinados, mas que compõe a amostra coletada. Não fortuitamente, tais filmes não são produções norte-americanas, mas britânicas. Todos os quatro são aventuras do espião inglês 007, a franquia cinematográfica mais longeva da história.

James Bond, o nome do espião 007, criado como personagem de romances por Ian Fleming, em 1953, foi transposto para o cinema menos de dez anos depois. Suas histórias, como não poderia deixar de ser, se passam no ambiente da Guerra Fria. Conforme aponta Hobsbawm, as histórias de espionagem foram claro subproduto desse ambiente e nelas os britânicos destacaram-se, compensando a queda de influência do país no sistema internacional (HOBBSAWM, 1995, p. 226). O público dos cinemas norte-americanos no período analisado parecem sustentar tal assertiva. Um total de seis longas-metragens estrelando o agente 007 foram lançados entre 1980 e 1991. Desses, cinco ficaram entre as vinte maiores bilheterias em seus respectivos anos de lançamento, inclusive, claro, os quatro filmes aqui selecionados.⁹

De acordo com historiador especializado nos filmes da série, a competição entre os dois blocos de poder retorna com força a partir de "007 - Somente para Seus Olhos" (CHAPMAN, 2007, p. 173). A despeito disso, o inimigo soviético, presente nos filmes do espião britânico, é distinto daquele imaginado pela retórica reaganista. As tramas envolvem espionagem e vilões de outra natureza, em geral traficantes, que vendem seus serviços para ambos os lados da Guerra Fria. A questão da vantagem tecnológica no setor de defesa parece mais próxima da realidade dos fatos. Tanto em "007 - Somente para Seus Olhos", de 1981, como em "007 - Na Mira dos Assassinos", de 1985, são os russos que buscam, com auxílio de terceiros, pôr as mãos em inovações técnicas, de uso militar, desenvolvidas por britânicos e norte-americanos e não o oposto, como em "Raposa de Fogo" e "Caçada ao Outubro Vermelho".

A *détente* é mencionada, de maneira elogiosa, em todos os quatro filmes, algo que destoa em grande medida com o próprio momento vivido. Em "007 - Somente para Seus

9 "007 - Nunca mais outra Vez" ("*Never Say Never Again*") foi a 14ª bilheteria de 1983. Ficou de fora da análise por não apresentar, em parte alguma de seu enredo, o inimigo comunista.

Olhos" o general Gogol, chefe da KGB, sorri para o espião britânico quando ele, no fim da história, destrói o engenho bélico que ambos buscavam. Bond comenta que isso era a *détente*, "você não tem, eu não tenho". Em "007 - Na Mira dos Assassinos" os russos tem uma relação competitiva mas também colaborativa com 007, no sentido de que ambos almejam frustrar os planos do vilão Max Zorin, interpretado por Christopher Walken. Convém destacar que isso nunca foi incomum nos filmes da série (SILVA, 2004). Ao fim da película, Gogol, presente nos quatro filmes¹⁰, anuncia aos superiores de Bond que, por sua atuação contra Zorin, o governo soviético iria dar ao espião britânico a Ordem de Lênin, a mais importante comenda de seu país.

Manifestamente elogioso à *détente* é "007 contra Octopussy", lançado em 1983, o ano mais tenso da Guerra Fria no período. O vilão mais importante, Orlov, é comandante das forças convencionais do Pacto de Varsóvia acantonadas na Alemanha Oriental. Em cena no princípio do filme, ele discute acerbamente com Gogol acerca de um acordo de desarmamento mútuo com a OTAN defendido pelo chefe da KGB. Para ele, a superioridade militar soviética nessa âmbito não devia ser desperdiçada. Ele crê, inclusive, ser capaz de derrotar as forças militares ocidentais rapidamente. Gogol contra-argumenta apontando os riscos de uma ação desse tipo, não vendo "razão para arriscar uma guerra nuclear em virtude de paranóia ou desejo de conquista". Nesse momento, o próprio secretário-geral soviético intervém, com fala muito significativa: "O socialismo mundial será conseguido de modo pacífico. Nossas forças armadas são destinadas estritamente para a defesa". Fim da discussão. Orlov passa, então, a agir nas sombras e, com a ajuda de traficantes, busca criar um incidente nuclear em solo europeu que possibilite o espocar de uma guerra

entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia. Ele é fanático e insano, mas é exceção. O estado soviético é governado por líderes ponderados que, conforme se observa na fala do secretário-geral, estão acordes em disputar a hegemonia ideológica mundial de modo não violento com o Ocidente.

Em "007 - Marcado para a Morte", de 1987, parte da ação ocorre no Afeganistão ocupado pelos russos. A diferença na contextualização do conflito vis-à-vis a "Rambo III" salta aos olhos. A despeito da tomada de posição pró-resistência afegã do filme, nele, nem os soviéticos são tão brutais, nem os mujahidins tão virtuosos como em Rambo. A questão do tráfico, de armas, jóias e drogas, envolve a todos, inclusive um vilão norte-americano que vende armas ocidentais aos russos para uso na guerra do Afeganistão.

Os filmes protagonizados por James Bond prosseguiram com sua ambientação na Guerra Fria. Eles, entretanto, recusaram-se a adotar a concepção do inimigo soviético bárbaro, criminoso, maquinal, presente nas produções hollywoodianas selecionadas. Isso parece não ter afetado sua popularidade nos Estados Unidos.

Conclusão

Há clara concentração de filmes de grande bilheteria com temática sobre a Guerra Fria, nas salas de cinema norte-americanas, nos anos 1980-86, período também denominado como 2ª Guerra Fria (HALLIDAY, 1983). Em termos de conteúdo, a correlação é forte entre os discursos de Reagan no período e a imagem do inimigo soviético apresentada nos filmes de procedência norte-americana: bárbaro, criminoso, maquinal e extremamente poderoso. Entretanto, os filmes britânicos aqui

10 O personagem aparece em seis filmes. Além dos quatro aqui examinados, ele atua também em "007 - O Espião que me Amava" ("The Spy Who Loved Me"), de 1977, e "007 contra o Foguete da Morte" ("Moonraker"), de 1979. Em "007 - Marcado para a Morte", Gogol é substituído por Pushkin na direção da KGB, que prossegue na defesa da *détente* com o Ocidente. (FUNNELL & DODDS, 2017).

examinados, todos pertencentes à franquia 007, não seguem tal padrão. Mesmo aqueles lançados no auge da Guerra Fria no período recusaram-se a abandonar uma visão positiva sobre a *détente*. Os soviéticos eram oponentes dignos, competidores que seguem regras civilizadas. Exceções existiam, mas os criminosos e fanáticos não conseguiam dominar o processo decisório dentro do estado soviético e, por isso, tinham de se aliar a terceiros criminosos.

Convém destacar também que, apesar do bom faturamento de filmes com retórica *Cold Warrior*, eles não compuseram, mesmo tomando-se o período 1980-86, o grosso da bilheteria aferida nos cinemas estadunidenses. Esse posto foi ocupado por comédias e filmes de fantasia e ficção científica com censura livre. Tais filmes ou nada diziam sobre o ambiente internacional ou tocavam a questão da Guerra Fria de maneira bem metafórica.

Há, entretanto, como já visto, o momento *Cold Warrior* do mercado cinematográfico estadunidense. De acordo com Shaw a apoteose da Guerra Fria nos cinemas norte-americanos ocorreu em 1985-86, quando "Rambo II", "Rocky IV" e "Top Gun - Ases Indomáveis" foram os grandes sucessos comerciais da época (SHAW & YOUNGBLOOD, 2010, p. 35). Este trabalho faz pequena correção nesse achado. Top Gun, militarista como é, não apresenta como inimigo os soviéticos ou comunistas, mas alguém não nomeado, na figura de caças inimigos não identificados que enfrentam pares norte-americanos em águas internacionais. Mais pertinente parece ser indicar os anos 1984-85 como momento de tal apoteose, mais especificamente o ano de 1985 onde, conforme já escrito, um quarto do faturamento das 20 maiores bilheterias correspondeu a longas que lidavam com o inimigo soviético. 1985, o ano da ascensão de Gorbachev ao poder na URSS, foi o mais virulentamente anticomunista nos cinemas estadunidenses e os filmes estrelados pelos personagens Rambo e Rocky, lançados nesse

ano, podem ser entendidos como equivalentes hollywoodianos aos mais agressivos discursos de Reagan, proferidos poucos anos antes.

Vale, por isso, à guisa de conclusão, um olhar mais detido sobre um desses filmes, "Rocky IV", segunda maior bilheteria entre os longas aqui examinados, atrás apenas de "Rambo II". "Rocky IV" encarna não somente a retórica reaganista, mas serve como uma espécie de relato, de acordo com essa mesma retórica, das razões da vitória norte-americana alguns anos depois.

No filme, Rocky é mais uma vez o azarão. Mais fraco que seu adversário soviético, mas mais nobre, repositório de valores mais elevados. A luta final entre eles ocorre em Moscou, com a presença do próprio líder russo, interpretado por ator sócia de Gorbachev. Rocky é vaiado continuamente e, logo no primeiro assalto, cai. O combate parece que será rápido, mas não. Rocky é resistente. Os rounds se sucedem, ao balanço de trilha sonora eletrizante. Socos são trocados, cá e lá, em uma espécie de teatro do que foi a Guerra Fria. A torcida soviética, reconhecendo o valor de Rocky, passa a torcer pelo lutador americano. A vitória vem somente no 15º round. É longa e custosa. Rocky, muito machucado e abraçado à bandeira americana, faz seu discurso. Ele comenta que chegou ali sob a hostilidade de todos, mas que com o tempo, isso mudou. Em suas simplórias palavras, o lutador atesta que "se eu posso mudar ... se vocês podem mudar ... todos podem mudar". Aplausos intensos seguem-se, inclusive por parte do próprio secretário-geral soviético. A imagem do lutador americano, abraçado à bandeira de seu país, congela-se, sob fundo musical de uma canção pop estadunidense. Após longa disputa, perdas e muito esforço, o inimigo, finalmente, havia-se convertido. Era a vitória.

Referências

ANDERSON, Perry. **A Política Externa Norte-Americana e seus Teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015.

BRANDS, Hal. **What Good is Grand Strategy? Power and Purpose in American Statecraft from Harry S. Truman to George W. Bush**. Ithaca: Cornell University Press, 2014.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **Second Chance: three presidents and the crisis of American Superpower**. New York: Basic Books, 2008.

CARRÈRE D'ENCAUSSE, Hélène. **Seis Años que Cambiaron el Mundo: la caída del império soviético, 1985-1991**. Barcelona: Ariel, 2016.

CHAPMAN, James. **Licence to Thrill: a cultural history of James Bond films**. London: I. B. Tauris, 2007.

COHEN, Eliot. **Comando Supremo**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2004.

COLLINS, Robert M. **Transforming America: politics and culture during the Reagan years**. New York: Columbia University Press, 2007.

DICICCO, J. M. "Fear, Loathing, and Cracks in Reagan's Mirror Images: Able Archer 83 and an American First Step toward Rapprochement in the Cold War". **Foreign Policy Analysis**, n.º 7, 2011, p. 253-274.

FUNNELL, Lisa & DODDS, Klaus. **Geographies, Genders and Geopolitics of James Bond**. London: Palgrave MacMillan, 2017

GADDIS, John Lewis. **The Cold War: a new history**. New York: Penguin Press, 2005.

HALLIDAY, Fred. **The Making of the Second Cold War**. London: Verso, 1983.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

JEFFORDS, Susan. **Hard Bodies: Hollywood Masculinity in the Reagan era**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1993.

IVIE, Robert L. "Speaking "Common Sense" about the Soviet Threat: Reagan's Rhetorical Stance" in **Western Journal of Speech Communication**, vol. 48, n.º 1, 1984, p. 39-50.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Simon & Shuster, 1994.

REAGAN, Ronald. **Address to the British Parliament**, 9/5/1982. In: <https://reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1982/60882a.htm> Acesso em 18/9/2017.

_____. **Address to the National Association of Evangelicals**, 8/3/1983. In:

<https://reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1983/30883b.htm> Acesso em 18/9/2017

_____. **Address to the Nation and Other Countries on United States-Soviet Relations**, 16/1/1984. In: <https://reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1984/11684a.htm> Acesso em 18/9/2017

_____. **Address at the Brandenburg Gate**, 12/6/1987. In: <https://reaganlibrary.archives.gov/archives/speeches/1987/061287d.htm> Acesso em 18/9/2017.

REYNOLDS, David. **Cúpulas: seis encontros que moldaram o século XX**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SHAW, Tony & YOUNGBLOOD, Denise J. **Cinematic Cold War: the American and Soviet struggle for hearts and minds**. Lawrence-KS: University Press of Kansas, 2010.

SHAW, Tony. **Hollywood's Cold War**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Guerras e Cinema: um encontro no tempo presente. **Tempo**, n.º 16, 2004, p. 93-114.

SIROTA, David. **Back to Our Future: how the 1980s explain the world we live in now – our culture, our politics, our everything**. New York: Ballantine Books, 2011.

SORLIN, P. The cinema: American weapon for the Cold War. **Film History**, v. 10, 1998, p. 375-381.

Sites

<http://www.boxofficemojo.com/yearly> Acessos nos meses de junho, julho e agosto de 2017

<http://www.imdb.com> Acessos nos meses de junho, julho e agosto de 2017.

Audiovisuais

007 CONTRA OCTOPUSSY (**Octopussy**). Direção: John Glen, Produção: Albert R. Broccoli, Eon Productions, 1983. 131 min.

007 - MARCADO PARA A MORTE (**The Living Daylights**). Direção: John Glen, Produção: Albert R. Broccoli e Michael G. Wilson, Reino Unido, Eon Productions, 1987. 131 min.

007 - NA MIRA DOS ASSASSINOS (**A View to a Kill**) Direção: John Glen, Produção: Albert R. Broccoli e Michael G. Wilson, Reino Unido, Eon Productions, 1985. 131 min.

007 - SOMENTE PARA SEUS OLHOS (**For Your Eyes Only**). Direção: John Glen, Produção: Albert R. Broccoli, Reino Unido, Eon Productions, 1981. 127 min.

AMANHECER VIOLENTO (**Red Dawn**). Direção: John Millus, Produção: Sidney Beckerman e Buzz Feitshans, Estados Unidos, United Artists/Valkyrie Films, 1984. 114 min.

CAÇADA AO OUTUBRO VERMELHO (**The Hunt for Red October**). Direção: John McTiernan, Produção: Mace Neufeld, Estados Unidos, Paramount Pictures, 1990. 135 min.

O DESTEMIDO SENHOR DA GUERRA (**Heartbreak Ridge**). Direção e Produção: Clint Eastwood, Estados Unidos, Malpaso Productions, 1986. 130 min.

RAMBO II - A MISSÃO (**Rambo: First Blood Part II**). Direção: George P. Cosmatos, Produção: Buzz Feitshans, Estados Unidos, Carolco Pictures, 1985. 96 min.

RAMBO III. Direção: Peter MacDonald, Produção: Buzz Feitshans, Mario Kassar e Andrew Vajna, Estados Unidos, Carolco Pictures, 1988. 101 min.

ROCKY IV. Direção: Sylvester Stallone, Produção: Robert Chartoff e Irwin Winkler, Estados Unidos, United Artists,, 1985. 91 min.

RAPOSA DE FOGO (**Firefox**). Direção e Produção: Clint Eastwood, Estados Unidos, Malpaso Productions, 1982. 136 min.

O SOL DA MEIA-NOITE (**White Nights**). Direção: Taylor Hackford, Produção: William P. Gilmore e Taylor Hackford, Estados Unidos, Delphi IV Productions, 1985. 136 min.